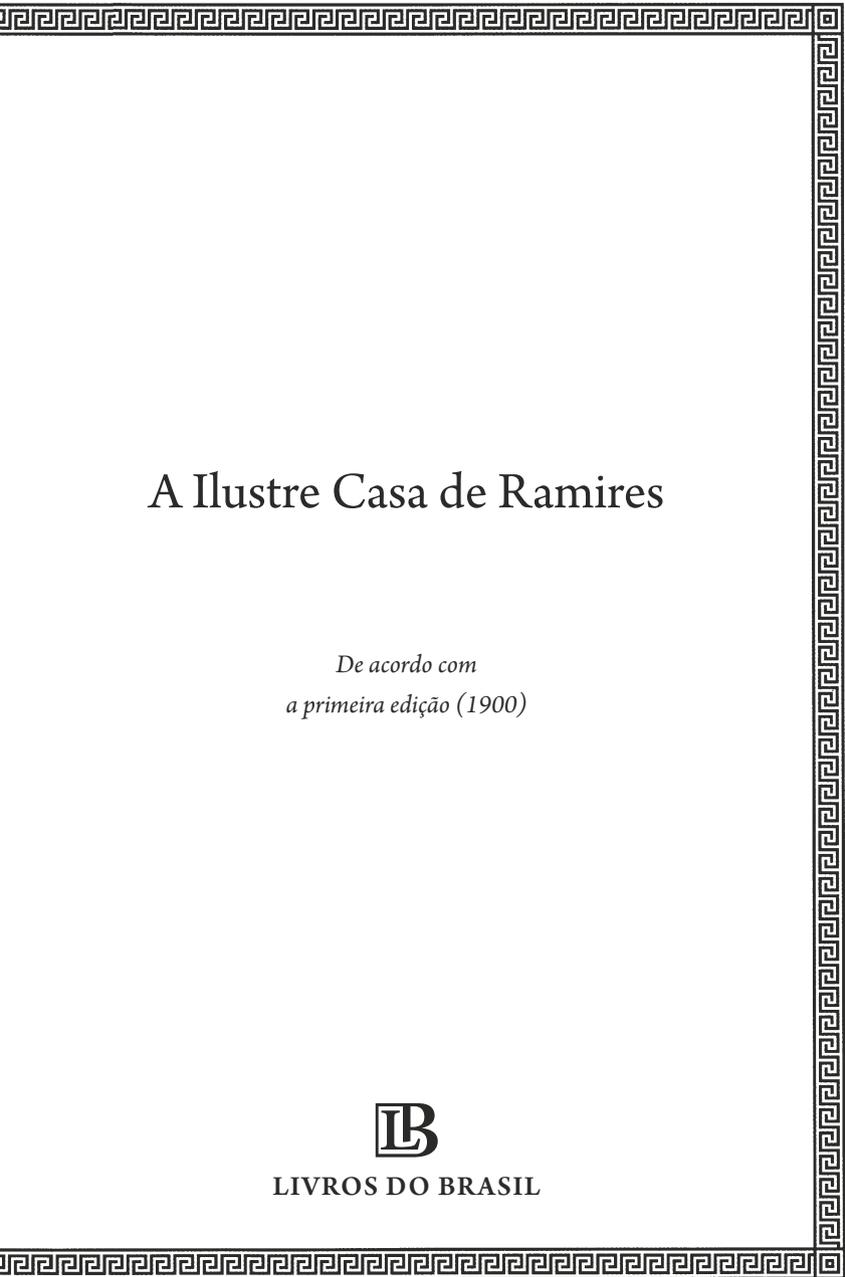


OBRAS DE  
EÇA DE QUEIROZ

Fixação do texto e notas de  
Helena Cidade Moura



# A Ilustre Casa de Ramires

*De acordo com  
a primeira edição (1900)*



LIVROS DO BRASIL

## I

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de Junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo «Fidalgo da Torre») trabalhava numa novela histórica, «A Torre de D. Ramires», destinada ao primeiro número dos «Anais de Literatura e de História», revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas.

A livraria, clara e larga, escaiolada de azul, com pesadas estantes de pau-preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de carneira, grossos fólhos de convento e de foro, respirava para o pomar por duas janelas, uma de peitoril e poiais de pedra almofadados de veludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela madressilva, que se enroscava nas grades. Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa — mesa imensa de pés torneados, coberta com uma colcha desbotada de damasco vermelho, e atravancada nessa tarde pelos rijos volumes da «História Genealógica», todo o «Vocabulário» de Bluteau, tomos soltos do «Panorama», e ao canto, em pilha, as obras de Walter Scott, sustentando um copo cheio de cravos amarelos.

E daí, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel almaço, roçando pela testa a rama da pena de pato, avistava sempre a inspiradora da sua novela — a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura bem cortadas no azul de Junho, robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Ireneia, solar dos Mendes Ramires desde os meados do século x.

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada, quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do «Borguinhão». E os Ramires entroncavam limpidamente a sua casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do conde Nuno Mendes, aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 967 com Dona Elduara, condessa de Carrion, filha de Bermudo, «o Gotoso», rei de Leão.

Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente como ele crescera e se afamara o Solar de Santa Ireneia — resistente como ele às fortunas e aos tempos. E depois, em cada lance forte da História de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou grandiosamente pelo heroísmo, pela lealdade, pelos nobres espíritos. Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha «o Cortador», colação de Afonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de cavaleiro, velara as armas na Sé de Zamora), aparece logo na batalha de Ourique, onde também avista Jesus Cristo sobre finas nuvens de ouro, pregado

numa cruz de dez côvados. No cerco de Tavira, Martim Ramires, freire de Santiago, arromba a golpes de acha um postigo da Cou-raça, rompe por entre as cimitarras que lhe decepam as duas mãos, e surde na quadrela da torre albarrã com os dois pulsos a esguichar sangue, bradando alegremente ao Mestre: «D. Paio Peres, Tavira é nossa! Real, real por Portugal!» O velho Egas Ramires, fechado na sua Torre, com a levadiça erguida, as barbacãs eriçadas de fre-cheiros, nega acolhida a el-rei D. Fernando e Leonor Teles que corriam o Norte em folgares e caçadas — para que a presença da *adúltera* não macule a pureza extreme do seu solar! Em Aljubarrota, Diogo Ramires, «o Trovador», desbarata um troço de besteiros, mata o adiantado-mor de Galiza, e por ele, não por outro, cai derri-bado o pendão real de Castela, em que ao fim da lide seu irmão de armas, D. Antão de Almada, se embrulhou para o levar, dançando e cantando, ao Mestre de Avis. Sob os muros de Arzila combatem magnificamente dois Ramires, o idoso Sueiro, e seu neto Fernão, e diante do cadáver do velho, trespassado por quatro virotes, esti-rado no pátio da alcáçova ao lado do corpo do conde de Marialva — Afonso V arma juntamente cavaleiros o príncipe seu filho e Fer-não Ramires, murmurando entre lágrimas: «Deus vos queira tão bons como esses que aí jazem! ... » Mas eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os combates do Oriente em que se não esforce um Ramires — ficando na lenda trágico-marí-tima aquele nobre capitão do golfo Pérsico, Baltasar Ramires, que, no naufrágio da «Santa Bárbara», reveste a sua pesada armadura, e no castelo de proa, hirtto, se afunda em silêncio com a nau que se afunda, encostado à sua grande espada. Em Alcácer-Quibir, onde dois Ramires sempre ao lado de el-rei encontram morte soberba, o mais novo, Paulo Ramires, pajem do guião, nem leso nem ferido, mas não querendo mais vida pois que el-rei não vivia, colhe um ginete solto, apanha uma acha de armas, e gritando: «Vai-te, alma,

que já tardas, servir a de teu senhor!», entra na chusma mourisca e para sempre desaparece. Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras. Reaparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente, governador das armas de Entre Douro e Minho por D. João IV, mete a Castela, destroça os espanhóis do conde de Venavente, e toma Fuente Guiñal, a cujo furioso saque preside da varanda de um convento de franciscanos, em mangas de camisa, comendo talhadas de melancia. Já, porém, como a nação, degenera a nobre raça... Álvaro Ramires, valido de D. Pedro II, brigão façanhudo, atordoa Lisboa com arruaças, furta a mulher de um vedor da Fazenda que mandara matar à paulada por pretos, incendeiava em Sevilha, depois de perder cem dobrões, uma casa de tavolagem, e termina por comandar uma urca de piratas na frota de Murad, «o Maltrapilho». No reinado do sr. D. João V, Nuno Ramires brilha na Corte, ferra as suas mulas de prata, e arruína a casa celebrando sumptuosas festas de igreja, em que canta no coro vestido com o hábito de irmão terceiro de S. Francisco. Outro Ramires, Cristóvão, presidente da Mesa de Consciência e Ordem, alcovita os amores de el-rei D. José I com a filha do prior de Sacavém. Pedro Ramires, provedor e feitor-mor das Alfândegas, ganha fama em todo o Reino pela sua obesidade, a sua chalaça, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta com o arcebispo de Tessalónica. Inácio Ramires acompanha D. João VI ao Brasil como reposteiro-mor, negoceia em negros, volta com um baú carregado de peças de ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre no seu solar da cornada de um boi. O avô de Gonçalves, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o «Antifrade», e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática em Santa Ireneia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxicon e um pacote

de simonte, as obras de Valerius Flaccus. O pai de Gonçalo, ora regenerador, ora histórico, vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lajedo da Arcada, até que um ministro do Reino, cuja concubina, corista de S. Carlos, ele fascinara, o nomeou (para o afastar da capital) governador civil de Oliveira. Gonçalo, esse, era bacharel formado com um R no terceiro ano.

E nesse ano justamente se estreou nas Letras Gonçalo Mendes Ramires. Um seu companheiro de casa, José Lúcio Castanheiro, algarvio muito magro, muito macilento, de enormes óculos azuis, a quem Simão Craveiro chamava o «Castanheiro Patriotinheiro», fundara um semanário, a «Pátria» — «com o alevantado intento (afirmava sonoramente o prospecto) de despertar, não só na mocidade académica, mas em todo o país, do cabo Sileiro ao cabo de Santa Maria, o amor tão arrefecido das belezas, das grandezas e das glórias de Portugal!» Devorado por essa ideia, «a sua Ideia», sentindo nela uma carreira, quase uma missão, Castanheiro incessantemente, com ardor teimoso de apóstolo, clamava pelos botequins da Sofia, pelos claustros da Universidade, pelos quartos dos amigos entre a fumaça dos cigarros, «a necessidade, caramba, de reatar a tradição!, de desatulhar, caramba, Portugal da aluvião do estrangeirismo!» — Como o semanário apareceu regularmente durante três domingos, e publicou realmente estudos recheados de grifos e citações sobre as *Capelas da Batalha*, a *Tomada de Ormuz*, a *Embaixada de Tristão da Cunha*, começou logo a ser considerado uma aurora, ainda pálida mas segura, de Renascimento Nacional. E alguns bons espíritos da Academia, sobretudo os companheiros de casa do Castanheiro, os três que se ocupavam das coisas do saber e da inteligência (porque dos três restantes um era homem de cacete e forças, o outro guitarrista, e o outro «premiado»), passaram, aquecidos por aquela chama patriótica, a esquadrinhar

na Biblioteca, nos grossos tomos nunca de antes visitados de Fernão Lopes, de Rui de Pina, de Azurara, proezas e lendas — «só portuguesas, só nossas (como suplicava o Castanheiro), que fizessem à nação abatida uma consciência da sua heroicidade!» Assim crescia o Cenáculo Patriótico da casa das Severinas. E foi então que Gonçalo Mendes Ramires, moço muito afável, esbelto e louro, de uma brancura sã de porcelana, com uns finos e risonhos olhos que facilmente se enterneciam, sempre elegante e apurado na batina e no verniz dos sapatos — apresentou ao Castanheiro, num domingo depois do almoço, onze tiras de papel intituladas «D. Guiomar». Nelas se contava a velhíssima história da castelã que, enquanto longe nas guerras do Ultramar o castelão barbudo e cingido de ferro atira a acha de armas às portas de Jerusalém, recebe ela na sua câmara, com os braços nus, por noite de Maio e de lua, o pajem de anelados cabelos... Depois ruge o Inverno, o castelão volta, mais barbudo, com um bordão de romeiro. Pelo vílico do castelo, homem espreitador e de amargos sorrisos, conhece a traição, a mácula no seu nome tão puro, honrado em todas as Espanhas! E ai do pajem! ai da dama! Logo os sinos tangem a finados. Já no patim da alcáçova o verdugo, de capuz escarlate, espera, encostado ao machado, entre dois cepos cobertos de panos de dó... E no final choroso da «D. Guiomar» como em todas essas histórias do Romanceiro de Amor, também brotavam rente às duas sepulturas, escavadas no ermo, duas roseiras brancas a que o vento enlaçava os aromas e as rosas. De sorte que (como notou José Lúcio Castanheiro, coçando pensativamente o queixo) não ressaltava nesta «D. Guiomar» nada que fosse «só português, só nosso, abrolhando do solo e da raça!» Mas esses amores lamentosos passavam num solar de Riba-Côa: os nomes dos cavaleiros, Remarigues, Ordonho, Froilás, Gutierres, tinham delicioso sabor godo: em cada tira ressoavam bravamente os genuínos: «*Bofé!*... *Mentes*

*pela gorja!... Pajem, o meu murzelo!... »*; e através de toda esta vernaculidade circulava uma suficiente turba de cavalaria com saios alvadios, beguinos sumidos na sombra das cogulas, ovençais sope-sando fartas bolsas de couro, uchões esposteando nédios lombos de cerdo... A novela, portanto, marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional.

— E depois — acrescentava o Castanheiro — esse velhaco do Gonçalinho surde com um estilo terso, másculo, de boa cor arcaica... De óptima cor arcaica! Lembra até «O Bobo», «O Monge de Cister»!... A Guiomar, realmente, é uma castelã vaga, da Bretanha ou da Aquitânia. Mas no vilico, mesmo no castelão, já transparecem portugueses, bons portugueses de fibra e de alma, de entre Douro e Cávado... Sim senhor! Quando o Gonçalinho se enfro-nhar dentro do nosso passado, das nossas crónicas, temos enfim nas Letras um homem que sente bem o torrão, sente bem a raça!

«D. Guiomar» encheu três páginas da «Pátria». Nesse do-mingo, para celebrar a sua entrada na Literatura, Gonçalo Men-des Ramires pagou aos camaradas do Cenáculo e a outros amigos uma ceia — onde foi aclamado, logo depois do frango com ervi-lhas, quando os moços do Camolino, esbaforidos, renovavam as garrafas de Colares, como «o nosso Walter Scott!» Ele, de resto, anunciara já com simplicidade um romance em dois volumes fun-dado nos anais da sua Casa, num rude feito de sublime orgulho de Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e alferes-mor de D. San-cho I. Por temperamento, por aquele saber especial de trajes e al-faias que revelara na «D. Guiomar», até pela antiguidade da sua linhagem, Gonçalinho parecia gloriosamente votado a restaurar em Portugal o Romance Histórico. Possuía uma missão — e co-meçou logo a passear pela Calçada, pensativo, com o gorro sobre os olhos, como quem anda reconstruindo um mundo. No acto desse ano levou o R.

Quando regressou das férias para o quarto ano, já não re-fervia na rua da Matemática o cenáculo ardente dos Patriotas. O Castanheiro, formado, vegetava em Vila Real de Santo António; com ele desaparecera a «Pátria» e os moços zelosos, que na Biblioteca esquadriavam as crónicas de Fernão Lopes e de Azurara, desamparados por aquele apóstolo que os levantava, recaíram nos romances de Georges Ohnet e retomaram à noite o taco nos bilhares da Sofia. Gonçalo voltava também mudado, de luto pelo pai, que morrera em Agosto, com a barba crescida, sempre afável e suave, porém mais grave, averso a ceias e a noites errantes. Tomou um quarto no Hotel Mondego, onde o servia, de gravata branca, um velho criado de Santa Ireneia, o Bento — e os seus companheiros preferidos foram três ou quatro rapazes que se preparavam para a Política, folheavam atentamente o «Diário das Câmaras», conheciam alguns enredos da Corte, proclamavam a necessidade de uma «orientação positiva» e de um «largo fomento rural», consideravam como leviandade reles e jacobina a irreverência da Academia pelos Dogmas, e, mesmo passeando ao luar no Choupal ou no Penedo da Saudade, discorriam com ardor sobre os dois chefes de partido — o Brás Vitorino, o homem novo dos Regeneradores, e o velho barão de S. Fulgêncio, chefe clássico dos Históricos. Inclinado para os Regeneradores, porque a Regeneração lhe representava tradicionalmente ideias de conservantismo, de elegância culta e de generosidade, Gonçalo frequentou então o Centro Regenerador da Couraça, onde aconselhava à noite, tomando chá preto, «o fortalecimento da autoridade da Coroa», e «uma forte expansão colonial!» Depois, logo na Primavera, desmanchou alegremente esta gravidade política: e ainda tresnoitou, na taberna do Camolino, em bacalhoadas festivas, entre o estridor das guitarras. Mas não aludiu mais ao seu grande romance em dois volumes: e ou recuara ou se

esquecera da sua missão de Arte Histórica. Realmente só na Páscoa do quinto ano retomou a pena — para lançar, na «Gazeta do Porto», contra um seu patrício, o dr. André Cavaleiro, que o Ministério do S. Fulgêncio nomeara governador civil de Oliveira, duas correspondências muito acerbas, de um rancor intenso e pessoal (a ponto de chasquear «a feroz bigodeira negra de Sua Excelência»). Assinara «Juvenal», como outrora o pai, quando publicava comunicados políticos de Oliveira nessa mesma «Gazeta do Porto», jornal amigo, onde um Vilar Mendes, seu remoto parente, redigia a «Revista Estrangeira». Mas lera aos amigos no Centro «os dois botes decisivos que atirariam o sr. Cavaleiro abaixo do seu cavalo!» E um desses moços sérios, sobrinho do bispo de Oliveira, não disfarçou o seu assombro:

— Oh Gonçalo, eu sempre pensei que você e o Cavaleiro eram íntimos! Se bem me lembro, quando você chegou a Coimbra, para os Preparatórios, viveu na casa do Cavaleiro, na Rua de S. João... Pois não há uma amizade tradicional, quase histórica, entre Ramires e Cavaleiros? ... Eu pouco conheço Oliveira, nunca andei para os vossos sítios; mas até creio que Corinde, a quinta do Cavaleiro, pega com Santa Ireneia!

E Gonçalo enrugou a face, a sua risonha e lisa face, para declarar secamente que Corinde não pegava com Santa Ireneia: que entre as duas terras corria muito justificadamente a ribeira do Coice: e que o sr. André Cavaleiro, e sobretudo Cavalo, era um animal detestável que pastava na outra margem! — O sobrinho do bispo saudou e exclamou:

— Sim senhor, boa piada!

Um ano depois da Formatura, Gonçalo foi a Lisboa por causa da hipoteca da sua quinta de Praga, junto a Lamego, que certo foro anual de dez réis e meia galinha, devido ao abade de Praga, andava empecendo terrivelmente nos Conselhos do Banco Hipotecário;

— e também para conhecer mais estreitamente o seu chefe, o Brás Vitorino, mostrar lealdade e submissão partidária, colher algum fino conselho de conduta política. Ora uma noite, voltando de jantar em casa da velha marquesa de Louredo, a «tia Louredo», que morava a Santa Clara, esbarrou no Rossio com José Lúcio Castanheiro, então empregado no Ministério da Fazenda, na repartição dos Próprios Nacionais. Mais defecado, mais macilento, com uns óculos mais largos e mais tenebrosos, o Castanheiro ardia todo, como em Coimbra, na chama da sua Ideia — «a ressurreição do sentimento português!» E agora, alargando a proporções condignas da capital o plano da «Pátria», labutava devotadamente na criação de uma revista quinzenal, de setenta páginas, com capa azul, os «Anais de Literatura e de História». Era uma noite de Maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro, que sobraçava um rolo de papel e um gordo fólio encadernado em bezerro, depois de recordar as cavaqueiras geniais da Rua da Misericórdia, de maldizer a falta de intelectualidade de Vila Real de Santo António — voltou sofregamente à sua Ideia, suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os «Anais» esse romance que ele anunciara em Coimbra, sobre o seu avoengo Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começara essa grande obra.

— Ah! — murmurou o Castanheiro, estacando, com os negros óculos sobre ele, duros e desconsolados. — Então você não persistiu? ... Não permaneceu fiel à Ideia? ...

Encolheu os ombros, resignadamente, já acostumado, através da sua missão, a estes desfalecimentos do Patriotismo. Nem consentiu que Gonçalo, humilhado perante aquela Fé que se mantivera tão pura e servidora — aludisse, como desculpa, ao inventário laborioso da Casa, depois da morte do papá ...